

BOLETIM DO MERCADO DA PINHA

CAMPANHA DE 2017/2018

unac



União da Floresta Mediterrânica



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014 · 2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

A UNAC UNIÃO DA FLORESTA MEDITERRÂNICA

A UNAC representa os interesses dos produtores florestais do espaço mediterrânico português junto das instituições nacionais e europeias, através de uma estratégia de intervenção de cariz técnico-político. Acompanha e analisa todos os processos e iniciativas com relevância e interesse para os seus associados, como é o caso das políticas rurais, florestais, ambientais e fiscais. Através da UNAC, as organizações de produtores florestais do espaço mediterrânico definem posições comuns sobre temas estratégicos e transversais, desenvolvendo contributos e participações válidas, construtivas e tecnicamente fundamentadas.

Tem uma área territorial de influência de dois milhões de hectares, representando cerca de 700.000 hectares de áreas agroflorestais e cerca de 16.000 produtores.

FICHA TÉCNICA

Edição: UNAC - União da Floresta Mediterrânica

Design Gráfico, Paginação e Preparação Gráfica: Whitespace

Impressão e Acabamento: Whitespace

Tiragem: 1.500 exemplares

Lisboa, Outubro 2017



ÍNDICE

4	Nota Prévía
4	Sumário Executivo
5	1. Enquadramento
5	1.1 Contexto Internacional
5	1.2 Contexto Nacional
5	1.3 Mercado da Pinha e do Pinhão
7	2. Incidências da Campanha
7	2.1 Evolução das Condições Climatológicas no Triénio
9	2.2 Incêndios Florestais, Pragas e Doenças
11	3. Fatores Determinantes da Estrutura de Custos da Apanha da Pinha
11	3.1 Energia
12	3.2 Taxas de Juro
13	3.3 Custos de Apanha
15	4. Caraterização da Campanha de 2017/2018
15	4.1 Enquadramento da Campanha
15	4.1.1 Oferta e Procura
16	4.2 Resultados do Inquérito
16	4.2.1 Caraterização do Universo dos Inquéritos
16	4.2.2 Colheita e Comercialização
17	4.2.3 Preços de Comercialização



NOTA PRÉVIA

Uma das principais lacunas existentes é a ausência de informação atualizada e periódica sobre o mercado da pinha, uma componente essencial para o equilíbrio das relações comerciais entre a oferta e a procura desta matéria prima. Considerou-se por isso que, face à importância que a pinha e o pinhão representam para o País, era necessário iniciar a implementação de um procedimento de compilação de informação relevante para a caracterização do mercado da pinha, possibilitando um maior conhecimento do mercado aos produtores.

Foi esta questão que determinou que a UNAC implementasse um procedimento de compilação de informação relevante para a caracterização do mercado da pinha, possibilitando um maior conhecimento das dinâmicas de mercado aos produtores.

A UNAC, em conjunto com as suas organizações de produtores florestais filiadas, realiza o Inquérito sobre a Comercialização da Pinha, que tem possibilitado a recolha junto dos produtores de um conjunto de indicadores relativos ao mercado da primeira transação de pinha.

Esta relevante iniciativa, que constitui a única forma de se obter uma perspetiva das tendências e preços da comercialização da pinha no decurso da campanha, depende exclusivamente da colaboração dos produtores florestais.

Por esse facto, não podemos deixar de agradecer a todos os associados que ao responder ao inquérito confiaram na sua Associação partilhando informações e promovendo o desenvolvimento do setor produtivo do pinheiro manso e da pinha.

SUMÁRIO EXECUTIVO

No ano 2017 o ritmo de crescimento económico fortaleceu-se com uma aceleração da atividade mundial para 3,8% e uma maior sincronização entre países. Os motores da aceleração da economia portuguesa foram as exportações e o investimento que fizeram com que o PIB nacional crescesse.

As exportações portuguesas de pinha/pinhão em 2017 aumentaram 104% relativamente a 2016, tendo atingido os 16,2 milhões de euros.

Neste enquadramento o preço médio de comercialização da pinha colhida (preço de pinha colhida e pesada) foi de 0,72 €/kg, representando um aumento de 5% face ao preço da campanha anterior.

O custo médio de apanha da pinha na campanha de 2017/2018 foi de 0,40 €/kg, evidenciando um acréscimo de 13% relativamente ao ano anterior e mantendo a tendência de aumento registada desde 2015/2016.

1. ENQUADRAMENTO

1.1 CONTEXTO INTERNACIONAL

O ritmo de crescimento económico fortaleceu-se em 2017, nas economias avançadas e nas economias emergentes, com uma aceleração da atividade mundial para 3,8% e uma maior sincronização entre países. A manutenção de uma política monetária acomodatória e níveis de sentimento económico elevados potenciaram um maior crescimento económico nas economias avançadas. Por outro lado, a subida dos preços de matérias-primas em 2017, especialmente do petróleo e dos metais industriais, beneficiou a recuperação de algumas economias de mercado emergentes (Boletim Económico, maio 2017, Banco de Portugal).

1.2 CONTEXTO NACIONAL

Os motores da aceleração da economia portuguesa em 2017 foram as exportações e o investimento que associados a um enquadramento externo muito favorável fizeram com que o PIB nacional crescesse em termos reais 2,7% após ter aumentado 1,6% no ano anterior. Os principais setores de atividade contribuíram positivamente para este dinamismo, com a indústria transformadora a registar o maior crescimento desde 2010.

No mercado de trabalho, a população ativa cresceu após seis anos consecutivos de queda, com o emprego a aumentar 3,3%, o crescimento anual mais elevado desde o início da área do euro, e a taxa de desemprego a reduzir-se de 11,1% para 8,9%, um valor que é ligeiramente inferior ao da média da área do euro (Boletim Económico, maio 2018, Banco de Portugal).

1.3 MERCADO DA PINHA E DO PINHÃO

Em 2017 o mercado da pinha e pinhão apresentou um comportamento positivo a nível interno e a nível externo.

No mercado interno, e de acordo com o inquérito à comercialização da pinha realizado pela UNAC na campanha 2017/2018, o preço médio atingiu os 0,72 €/kg, um aumento de 5% face ao ano anterior.

No mercado externo, as exportações portuguesas de pinha/pinhão em 2017 relativamente a 2016 aumentaram 104%, tendo atingido os 16,2 milhões de euros e contrariado a tendência de decréscimo registada nos últimos dois anos. O valor das exportações em 2017 foi o mais elevado no período de 2013 a 2017.

Figura - Exportações de Pinha/Pinhão
(Fonte: INE para o código 08029050)



NOTA: o INE utiliza o código 08029050 que apesar de corresponder a "Pinhões (*Pinus spp.*), frescos ou secos, com ou sem casca ou pelados", inclui também a pinha por processar.

2. INCIDÊNCIAS DA CAMPANHA

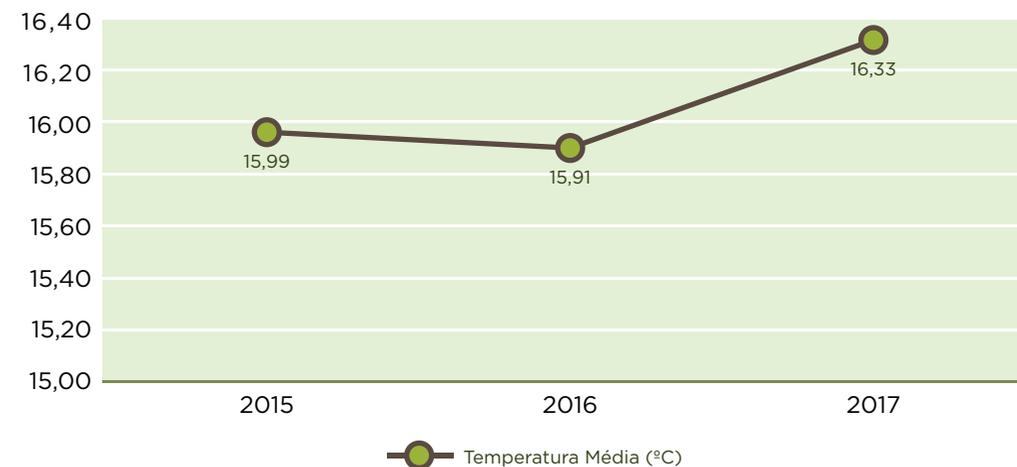
2.1 EVOLUÇÃO DAS CONDIÇÕES CLIMATOLÓGICAS NO TRIÊNIO

As condições climatológicas têm influência na produção de pinhas, existindo uma grande variação anual que depende de fatores climáticos sendo o mais limitante o stress hídrico. Em síntese, esses fatores podem ser sintetizados da seguinte forma:

- ▶ Um bom ano para a iniciação das pinhas terá que ser um ano com um grande número de flores, ocorrência que depende da precipitação no inverno do ano anterior;
- ▶ O tamanho das pinhas produzidas no terceiro ano, quando são colhidas, assim como o peso das pinhas e o peso em pinhão estão relacionados com a precipitação de fim de primavera / princípio do verão desse ano;
- ▶ Temperaturas extremas ou secas extremas durante qualquer período do ciclo de três anos na produção de pinhas irá reduzir substancialmente a produção de pinhão.

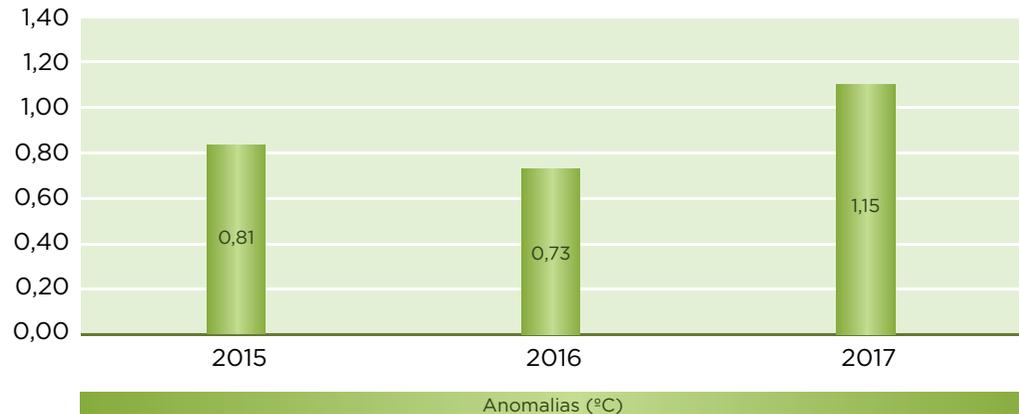
No período de formação da pinha (três anos) a temperatura média anual foi em todos os anos superior ao valor normal 1971-2000 (15,2°C). Os valores observados variaram entre 15,99°C e 16,33°C.

Figura - Temperatura média (°C) entre 2015-2017
(Fonte: IPMA)



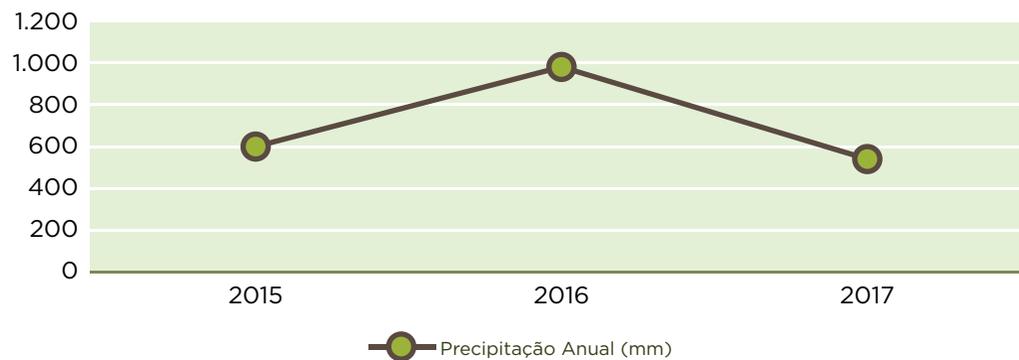
Ao avaliar as anomalias calculadas em relação ao valor médio 1971-2000 (15,2°C) observa-se que foram positivas e superiores a 0,50°C, sendo de destacar o valor de 1,15°C do ano de 2017.

Figura - Anomalias (em relação ao valor médio 1971-2000) da temperatura média (°C) entre 2015-2017 (Fonte: IPMA)



Quanto à precipitação anual, e tendo em consideração o valor médio anual da normal 1971-2000 (882,1 mm), salienta-se que apenas no segundo ano (2016) da formação da pinha a precipitação anual foi superior ao valor médio anual da normal, tendo em 2015 e 2017 sido inferior.

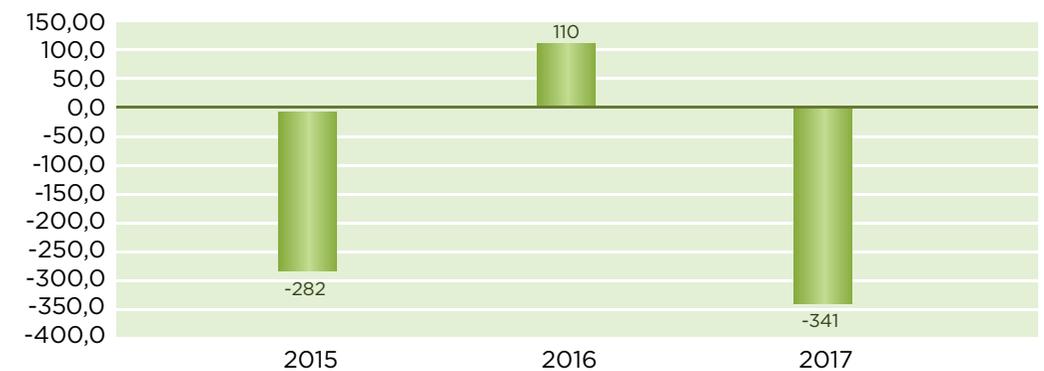
Figura - Precipitação anual (mm) entre 2015-2017 (Fonte: IPMA)



Os valores das anomalias (ver Figura) indicam que nos anos 2015 e 2017 registaram-se reduções na precipitação anual de 32% e de 39%, respetivamente. Em 2017, no final de dezembro, de acordo com o índice meteorológico de seca PDSI (Palmer Drought Severity Index), cerca de 6% do território estava em seca extrema, 58% em seca severa e 29% em seca moderada (IPMA, Boletim Climatológico Mensal - dezembro de 2017).

O somatório global das anomalias dos três anos da formação da pinha indica uma perda acumulada de 514 mm, valor superior a meio ano de precipitação acumulada.

Figura - Anomalias (em relação ao valor médio 1971-2000) da precipitação (mm) entre 2015-2017 (Fonte: IPMA)



Apesar destes dados serem de âmbito nacional, não refletindo as variações regionais e locais da precipitação, os períodos/meses em que a mesma ocorreu e as condições específicas de cada pinhal manso, não deixam de ser elucidativos quanto ao potencial impacto no crescimento na formação da pinha.

2.2 INCÊNDIOS FLORESTAIS, PRAGAS E DOENÇAS

De acordo com o Relatório Provisório de Incêndios Florestais em Portugal Continental (ICNF, 2018), o ano 2017 - de 1 de janeiro a 31 de outubro - caracterizou-se por um total de 16.981 ocorrências, repartidas em 3.653 incêndios florestais e 13.328 fogachos, que resultaram em 442.418 hectares de área ardida de espaços florestais, entre povoamentos (264.951ha) e matos (177.467ha). Comparando os valores do ano de 2017 com os valores médios anuais dos 10 anos anteriores (2007-2016) verifica-se que se registaram menos 3,6% de ocorrências e mais 428% de área ardida. O ano de 2017, até ao dia 31 de outubro, apresentou o 6.º valor mais elevado em número de ocorrências e o valor mais elevado de área ardida, desde 2007.

Considerando os dados de área total estimada de floresta ardida em 2017 do relatório de Avaliação dos incêndios ocorridos entre 14 e 16 de outubro de 2017 em Portugal Continental, da Comissão Técnica Independente, a incidência dos mesmos foi de 3,5% em floresta dominada pelo pinheiro-manso e outras resinosas.



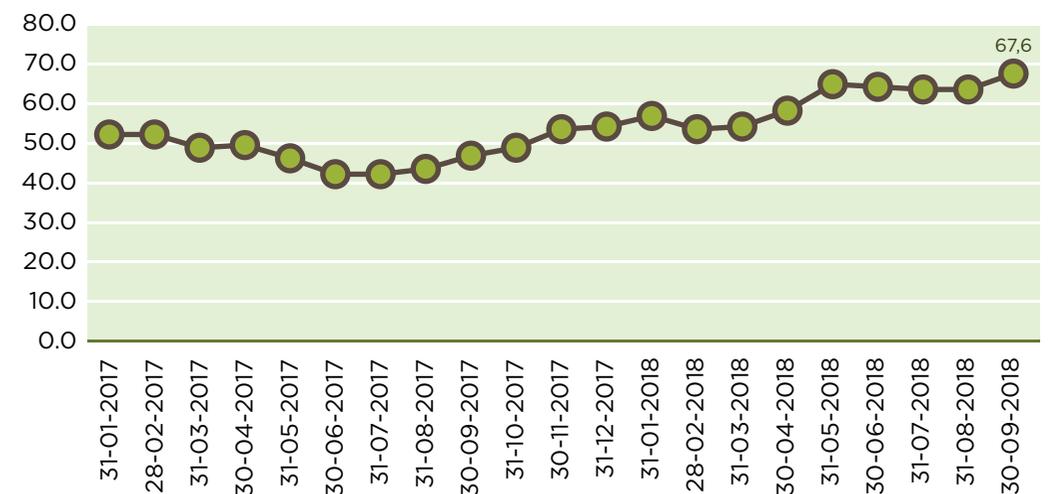
3. FATORES DETERMINANTES DA ESTRUTURA DE CUSTOS DA APANHA DA PINHA

3.1 ENERGIA

Em 2018 o preço do petróleo registou até maio uma tendência de aumento iniciada em meados de 2017, tendo atingido o valor de 64,9 EUR/barril. Nos meses seguintes - junho a agosto - verificou-se uma tendência de decréscimo do valor que foi contrariada no mês de setembro. No final de setembro o preço por barril registado foi de 67,6 EUR, valor superior aos 54,2 EUR por barril de 31 de dezembro de 2017 e ao valor de 51,6 EUR por barril de 31 de janeiro de 2017. No ano de 2018, até setembro, manteve-se uma tendência média de aumento verificada no ano de 2017.

As variações em 2018 resultaram no essencial da variação das existências - cortes na produção resultantes do acordo entre os países da OPEP e outros produtores, e de tensões políticas. Os aumentos até maio resultaram do prolongamento dos cortes na produção acordados entre os países da OPEP e outros produtores, da incerteza política no médio oriente e da menor oferta resultante de limitações de produção na América Latina. A inversão ocorrida em junho decorreu da expectativa de um aumento de produção na reunião dos países produtores de petróleo no final do mês. Posteriormente, a partir de meados de agosto a evolução do preço internacional do petróleo foi condicionada pelas tensões entre os EUA e o Irão e a China cuja intensificação impulsionou a subida do preço do petróleo (Banco de Portugal).

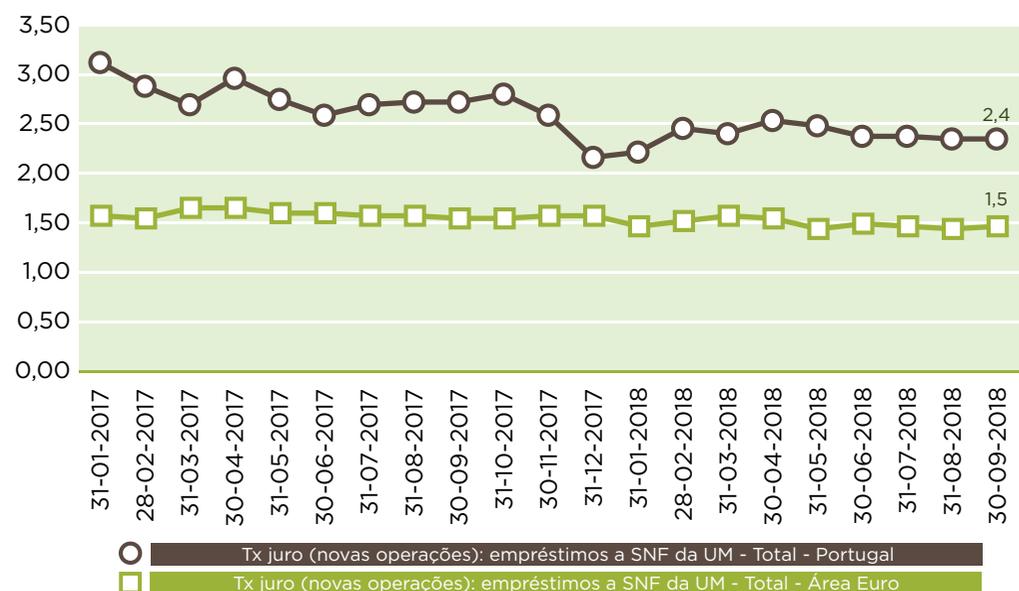
Figura - Preços do petróleo (EUR por barril) entre 2017-2018
(Fonte: Banco de Portugal)



3.2 TAXAS DE JURO

Em Portugal nos anos de 2017 e de 2018 (setembro) evidenciou-se a continuidade de tendência de decréscimo das taxas de juro, apesar de se terem registado aumentos em determinados períodos como de julho a outubro de 2017 e de janeiro a abril de 2018. As taxas em Portugal mantiveram-se superiores à média da área do euro, sendo notória a aproximação entre as taxas em Portugal e a área euro em setembro de 2018 (2,4% em Portugal face a 1,5% para a área euro em setembro de 2018). Os bancos da área do euro continuaram em 2018 a reportar um aumento da procura por parte das empresas não financeiras e das famílias, associado ao baixo nível das taxas de juro, e a um alívio dos critérios de concessão de empréstimos nos vários segmentos, motivado por pressões competitivas e perceção de menor risco (Banco de Portugal).

Figura - Taxas de juro de empréstimos a SNF (novas operações) (%)
(Fonte: Banco de Portugal)



3.3 CUSTOS DE APANHA

O custo médio de apanha da pinha na campanha de 2017/2018 foi de 0,40 €/kg, um acréscimo de 13% relativamente ao ano anterior. O custo de apanha de pinha regista uma tendência de aumento desde 2015/2016.

A contribuição deste relevante parâmetro na estrutura de custos aumentou relativamente à registada na campanha anterior -custo de apanha representou 55,30% do preço médio de comercialização em 2017/2018 e 51,10% em 2016/2017. Constata-se que na campanha de 2017/2018, considerando as duas últimas campanhas (2015/2016 e 2016/2017), inverteu-se a tendência de decréscimo da contribuição dos custos de apanha na estrutura de custos.

Figura - Custo de apanha de pinha (€/kg)
(Fonte: UNAC)





4. CARATERIZAÇÃO DA CAMPANHA DE 2017/2018

4.1 ENQUADRAMENTO DA CAMPANHA

4.1.1 OFERTA E PROCURA

Esta campanha foi marcada pelo elevado impacto da seca sobre o peso médio da pinha com consequências diretas sobre o rendimento de pinhão.

Manteve-se sem alterações o regime jurídico aplicável à colheita, transporte, armazenamento, transformação, importação e exportação de pinhas da espécie *Pinus pinea* L. (pinheiro-manso) em território continental, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 77/2015, de 12 de maio, mas o seu impacto tem decrescido de campanha para campanha, essencialmente pela ausência de fiscalização e de mecanismos de avaliação e revisão da plataforma disponível para emissão das declarações de colheita.

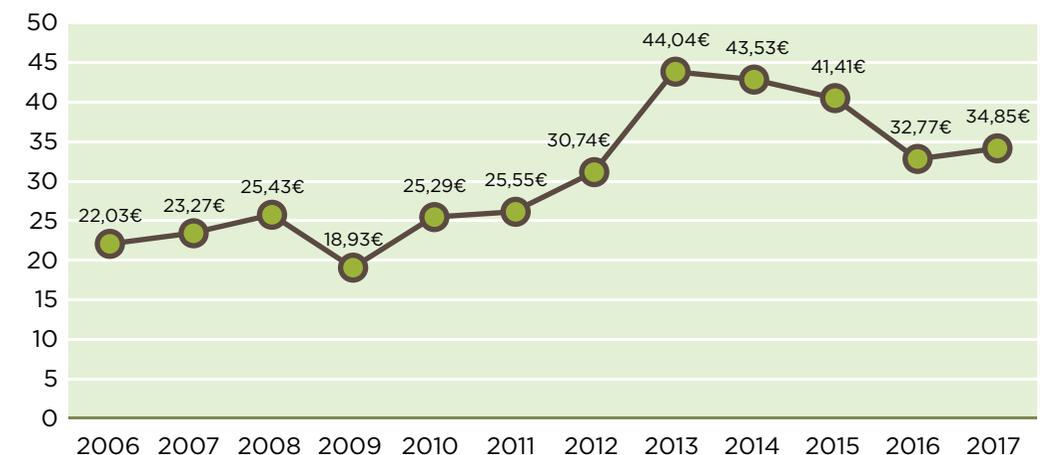
O preço médio de início de campanha, nos meses de novembro e dezembro foi de 0,55€/kg e 0,69€/kg de pinha colhida e pesada, respetivamente.

Em 2017 as exportações portuguesas aumentaram, tal como a cotação de miolo de pinhão na Bolsa de Reus.

Num contexto macroeconómico de uma aceleração da atividade mundial para 3,8% e uma maior sincronização entre países, as exportações portuguesas de pinha/pinhão em 2017 aumentaram 106% relativamente a 2016, tendo atingido os 16,2 milhões de euros. Entre 2011 e 2017, apenas no ano de 2011 as exportações em valor (21,8 milhões de euros) foram superiores ao valor registado em 2017.

De acordo com a evolução da cotação de miolo de pinhão 2006 – 2017 na Bolsa de Reus (mercado entre a indústria e a distribuição) em 2017 observou-se um aumento de 6,35% face a 2016, interrompendo-se a tendência de decréscimo do preço iniciada em 2014, após o pico de preço registado em 2013.

Figura - Evolução da cotação do miolo de pinhão 2006-2017 (€/kg)



4.2 RESULTADOS DO INQUÉRITO

4.2.1 CARATERIZAÇÃO DO UNIVERSO DOS INQUÉRITOS

No âmbito desta campanha rececionaram-se 34 respostas aos inquéritos efetuados, dispersos por 13 concelhos, com uma dimensão total de pinha colhida de 630.493 kg (considerando apenas inquéritos com pesagem de pinha).

4.2.2 COLHEITA E COMERCIALIZAÇÃO

A colheita de pinha no âmbito da campanha de 2017/2018 foi efetuada na quase totalidade dos inquiridos de forma manual. Apenas um inquérito declarou utilizar este tipo de colheita, complementada por colheita manual. A mecanização da colheita mantém-se com uma baixa representatividade eventualmente justificada pelo reduzido número de operadores no mercado e pelo receio dos potenciais impactes sobre a produção futura, o que não tem ocorrido, de acordo com os ensaios disponíveis.

Quanto à responsabilidade da apanha da pinha (que pode ser realizada pelo produtor ou, quando a pinha é vendida na árvore, realizada pelo comprador), constata-se que 50% dos produtores optou por assumir a responsabilidade da colheita da pinha mantendo-se esta opção com representatividade semelhante à ocorrida nas duas anteriores campanhas, 54% e 56% nas campanhas de 2016/2017 e 2015/2016, respetivamente.

Relativamente à modalidade da venda da pinha (que pode ser realizada por pesagem, após a apanha, ou na árvore, quando a pinha é vendida antes da apanha), cerca de 15% dos produtores efetuaram a venda de pinha na árvore, sem pesagem, e 53% por pesagem. Nestes inquéritos é de salientar que 32% dos inquiridos não responderam a esta questão. Considerando a campanha anterior, em 2016/2017, verifica-se uma manutenção da percentagem de inquiridos que vende a pinha na árvore, 15% e 18% em 2017/2018 e 2016/2017, respetivamente.

Em 2017/2018 o agente de comercialização mais representativo foi o apanhador (46%), seguido da indústria (36%), e do intermediário (18%). Nesta campanha, comparativamente à campanha de 2016/2017, a representatividade do apanhador enquanto comprador aumentou enquanto que a do intermediário decresceu e a da indústria manteve-se igual. Relativamente ao destino comercial, Portugal continua a ser o mercado preferencial da pinha colhida (81%), tendo apenas 19% dos inquiridos respondido que a exportação correspondia ao destino comercial da pinha. A repartição entre mercado nacional e exportação manteve-se comparativamente à campanha anterior – 84% e 16%, respetivamente, em 2016/2018.

Figura – Agente de comercialização
(Fonte: UNAC)



Figura – Destino comercial da pinha
(Fonte: UNAC)



4.2.3 PREÇOS DE COMERCIALIZAÇÃO

O preço médio de comercialização da pinha colhida (preço de pinha colhida e pesada) na campanha 2017/2018 foi de 0,72 €/kg, um aumento de 5% face ao preço do ano anterior.

Em 2017/2018, à semelhança do preço médio de comercialização da pinha colhida da campanha 2016/2017, manteve-se a tendência de aumento após a tendência de decréscimo verificada na sequência do pico de preço registado em 2012/2013 (1,00 €/kg). O aumento de preço registado acompanhou o aumento observado na cotação do miolo de pinhão na Bolsa de Reus em 2017, e o aumento das exportações nacionais verificado nesse mesmo ano.

Figura - Evolução do preço de comercialização da pinha (colhida e pesada)
2009-2017 (€/Kg)







unac



União da Floresta Mediterrânica

R. Mestre Lima de Freitas 1, 1549 - 012 Lisboa
Tel.: +351 21 710 00 14 | Fax: +351 21 710 00 37
E-mail: geral@unac.pt
www.unac.pt